

O muntu e a comunidade: Uma análise desconstrutivista do antropocentrismo bantu

Bonifácio António *

 <https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

RESUMO

O presente artigo aborda um dos temas mais problemáticos na Filosofia – a intersubjetividade e o individualismo. A pesquisa surge num contexto de exaltação do individualismo no muntu. E o que se questiona é se o muntu é por natureza individualista ou comunitário, olhando para o seu *modus vivendi*, desde que o muntu é muntu. Assim, o artigo busca encontrar os fundamentos da desconstrução do antropocentrismo concebido hoje comunitário. Entre várias justificações, apresentaremos as guerras étnicas, o regionalismo, o tribalismo ao longo da história; o familiarismo, o amiguismo, o compradismo, tráfico de influência, e outros comportamentos modernos, serão como razões da nossa razão de desconstrução daquilo que até hoje se ensina. Usaremos os métodos de abordagens (fenomenológico, hermenêutico, lógico, dedutivo e indutivo) e alguns métodos de procedimentos (histórico, comparativo, funcionalista e estruturalista), por se tratar uma reflexão sócio-filosófica sobre a dimensão social do muntu hoje.

PALAVRAS –CHAVE

Antropocentrismo; Comunitário, Individualismo, Colectivismo, Pessoa.

The muntu and the community: A deconstructivist analysis of Bantu anthropocentrism

ABSTRACT

This article addresses one of the most problematic themes in philosophy – intersubjectivity and individualism. The research arises in a context of exaltation of individualism in the muntu. And what is questioned is whether the muntu is by nature individualistic or communitarian, looking at its *modus vivendi*, since the muntu is muntu. Thus, the article seeks to find the foundations of the deconstruction of anthropocentrism conceived today communitarian. Among various justifications, we will present ethnic wars, regionalism, tribalism throughout history; familiarism, friendliness, buying, influence peddling, and other modern behaviors, will be as reasons for our reason for the construction of what is still taught today. We will use the methods of approaches (phenomenological, hermeneutic, logical, deductive and inductive) and some methods of procedures (historical, comparative, functionalist and structuralist), because it is a socio-philosophical reflection on the social dimension of the muntu today.

KEYWORDS

Anthropocentrism, Communitarianism, Individualism, Collectivism, Person.

* É Licenciado em Filosofia pela *Universidade Católica de Angola* e, mestre em Filosofia pela *Universidade Agostinho Neto*. Estudante de Doutoramento em Ciências Sociais, Opção: Ciência Política, pela *Universidade Agostinho Neto*, desde 2020. É pesquisador científico, autor e Jornalista. Atualmente é apresentador do programa «*Sal e Luz do Mundo*» na *Rádio Maria Angola*. Foi convidado Comentarista do Programa «*Prova dos Factos*» na Rádio Despertar. E-mail: bonifacioantonio@outlook.com

1.A gênese

Usamos para além da hermenêutica, análise e a pesquisa bibliográfica, o método fenomenológico pela sua natureza filosófico e científica. O objetivo é apresentar um olhar para além da noção comunitária bantu do muntu. Queremos com isso, através da análise do conteúdo e da reflexão, compreender a dimensão social do africano na sua essência.

Hoje, a África negra vive de conflitos étnicos, culturais e religioso. A última é recente. Pois que, os africanos não lutam por causa da religião na sua essência, porque é a mesma: Animista. Depois da chegada dos europeus e dos árabes, impuseram suas religiões, todas do oriente: Cristianismo e Islamismo.

Depois das independências, assistimos conflitos por fanatismo religioso adquirido, que não é propriamente africana na sua essência. Mas esse não é a questão. Pois, queremos compreender se o africano bantu é mesmo comunitário ou é individualista, por causa do comportamento que manifesta hoje, já que o comportamento é que identifica a pessoa enquanto ser no mundo.

No fim da colonização europeia, notamos um comportamento diferente do africano do tempo colonial. Quando vivíamos oprimidos, éramos unidos. Depois do Europeu deixar a África para os africanos, assistimos um comportamento de fechamento que nos leva a indagar se é o resultado da colonização ou, já somos assim por natureza. Os livros dos Europeus sobre os bantu, partindo da forma como eram unidos, levou-os a concluir que os africanos bantu são comunitário. Será? O que é ser comunitário? O que é a comunidade? Que tipo de comunidade se refere? Vamos definir os conceitos para melhor compreensão.

2.Definições de principais conceitos.

Os principais conceitos que usaremos, destacam-se: O antropocentrismo, o individualismo, o colectivismo e a pessoa. Existe ainda outros conceitos importantes, como: muntu, africana, aculturação, e outros

2.1.comunitário e comunidade

Literalmente, comunitário é aquele que vive em comunidade. Comunidade, vem de duas palavras: Comum + Unidade. Do dicionário de Português de Tavares e Camacho (2006:138), é a qualidade do que é comum; é conjunto de indivíduos que vivem em comum. António (2020:274), na sua obra «*Corrupção em Angola*», explica o sentido do conceito: “a comunidade constrói-se como tecido de relações interpessoas”. Citando

Mounier, António (2020), acrescenta que, “um nós comunitário de algum modo amplo é muito formado por «*nós dois*», «*nós três*»,” etc. Essa explicação, vem diferenciar o grupo da comunidade, o colectivismo da comunidade. O «*nós quatro*», não é uma comunidade. Mas é um grupo de amigos, um grupo étnico talvez, um grupo partidário, um grupo de fieis de uma denominação religiosa.

A comunidade, a pesar de algumas vezes ser identificado com um grupo, os membros desse grupo quando se encontram com os outros membros de outros grupos, termina o meu grupo, e formamos naquele momento uma comunidade. Porque se cada um se identificar com o seu grupo, igreja, etnia, continente, país, criamos ilhas, e deixa de ser comunidade. Porque na comunidade deve se aceitar a diferença, a multiculturalidade. Por isso, é uma mistura de comum+unidade. Isto é, unidade na diversidade, como diria Maritain (1999:142): “é necessário formar uma unidade na diversidade”. Desta feita, podemos entender que comunidade é diferente do grupo. Na comunidade há diferenças culturas, línguas, cor da pele, partidos. Ou seja, vive-se na diversidade. É um conceito mais amplo. A exemplo de uma ideia comunitária é a frase do Primeiro Presidente Angola, Agostinho Neto, citado por Rocha (2014) quando pensava: “num só povo e numa só não”. Será que somos hoje?



2.2.individualismo,

O individualismo é diferente de egoísmo. Pois, o egoísmo tem a ver com o instinto humano, diferente de uma corrente filosófica de matriz individualista, ou seja, aquela que defende o individualismo, como o Existencialismo de Sartre, o Liberalismo, o Capitalismo, etc. Tocqueville citado por Alino, esclarece os dois conceitos:

O individualismo é expressão recente, originária de uma nova ideia. Nossos pais só conheciam o egoísmo. Este é um amor exagerado e apaixonado de si mesmo. O individualismo é um sentimento que predispõe cada cidadão a isolar-se da massa dos seus semelhantes e a retirar-se à parte, com a família e os amigos. O Egoísmo nasce do instinto cego; o individualismo procede de um juízo errôneo, mais do que um sentimento depravado. Sua fonte são os defeitos do espírito, tanto como os vícios do coração... O egoísmo é um vício tão velho como o mundo. (Lorenzo, 2018)

O individualismo como vimos, é um conceito que vem de individuo, não se limita no sujeito, mas sim, nos sujeitos. Ou seja, um grupo de amigos, uma família que se isola dos

outros, não deixa de ser individualismo. Então, o regionalismo, o amiguismo, são manifestações do individualismo.

2.3.colectivismo,

O colectivismo vem do coletivo. “Ismo” indica sempre uma doutrina. Logo, colectivismo é uma corrente filosófica. Mas literalmente podemos entender como um grupo. Por isso, o dicionário de Português, Porto Editora (2006:132), define o coletivo como o “conjunto de pessoas ou coisas”. Mas para o nosso coisa trata-se de pessoas. «Colectivismo» é um conceito mais filosófico. Um grupo é um colectivo. Por isso, diz-se “o coletivo de trabalhadores”. A comunidade ultrapassa o coletivo. As vezes faz-se confusão, com a visão sociológica, psicológica, política do conceito «comunidade» que muitas vezes identificamos com o coletivo, como em explicar o *Dicionário de Filosofia* de Durozoi e Roussel (200:81).:

Comunidade em psicologia designa um grupo de indivíduos que não só vivem em comum graças a recursos comuns, mas também sentem solidários uns dos outros e têm consciência de formar em conjunto uma unidade social orgânica soldada pelo mesmo ideal, e até um «nós» fraterno.; em Sociologia, a noção significa a posse em comuns dos bens, por um grupo social.

Assim, a comunidade é conjunto de grupos que se reveem nos mesmos valores, ideais, à exemplo da ideia de «um só povo e uma só nação». A construção de uma só nação angolana é um ideal, realiza-se politicamente, porque materialmente não é possível. Vivemos o problema do regionalismo, das assimetrias regionais, do tribalismo, e tantos outros «ismos» que só prova o colectivismo e não a comunidade ou nação única.

Estamos a falar de Angola, como podemos falar de outros países da África negra. Pois, a realidade não foge muito. É o caso da *RDC (República Democrática do Congo)*, que registra sempre conflitos étnicos, assim como o Ruanda. Portanto, o problema é o mesmo: O Regionalismo, o tribalismo. A ideia de uma nação é para unir politicamente o território, enquanto País soberano para proteger as fronteiras. Aliás, é um projeto político. Isso é que nos mantém unidos. Mas subconsciência existe esse fechamento em tudo: Na política, na religião, no emprego, na cultura, na economia, etc.

Olhamos nas características da pessoa do mundo: Se é nosso ou não. Não olhamos na competência, mas no grupo, na cor da pele, no nome, na língua, na família, na religião, no partido e outros. Isso adia a paz e o progresso de África, porque

continuaremos a ter incompetentes nos lugares certos. O tráfico de influência, a impunidade e o nepotismo é resultado desse individualismo bantu. Daí que, não podemos concordar com a ideia de que «o antropocentrismo bantu é comunitário», e sim, «colectivista ou individualista».

3. A dimensão social do africano.

Algumas questões que levantaremos já foram respondidas na conceitualização dos termos. Mas podemos ainda consolidar desde que provoquem em nós um debate: O muntu é comunitário? O que faz do africano comunitário? Como podemos provar a comunitariedade africana? Com quais sinais? Viver em família, em grupos, saudar, andar juntos, pertencer ao mesmo grupo, cantar juntos, e outras manifestações, são condições *sine qua non* para se ser comunitário? Essas e outras manifestações e atitudes, não chagam para se determinar a comunitariedade. Porque uma família, é um grupo, como pertencer numa igreja, ou partido, ou etnia.

Mas o que é ser comunitário é ter uma dimensão que ultrapassa as diferenças, os grupos, os nomes, as cores, as regiões, os tribos, a cor da pele, e outras atitudes. Agostinho Neto, Primeiro Presidente de Angola, um dos nacionalista africano, a exemplo de Nkrumah, antecipava uma visão comunitária, tal como em afirmar a obra sobre Agostinho Neto de vários autores: “ O «camarada Presidente» era próximo do povo humilde, que apelava à luta e união de todos os angolanos, sem distinção de raças e de etnias, combatendo o regionalismo, o tribalismo e o racismo” (vvaa.2018:170).

3.1. Se os africanos não são comunitários é possível alcançar os objetivos da Unidade Africana?

Os pais do Pan-Africanismo, que depois veio se resultar na *União Africana*, isto é, os nacionalistas africanos como: Nkrumah quando pensou numa união africana, L. Sedar Senghor, numa negritude africana, Mbembe, na razão crítica africana, Agostinho Neto, podemos dizer que os ideais foram alcançados? Senão, porquê? O muntu pensa no todo ou para sua família, grupo étnico, grupo de amigos? Esse é o desafio. Por isso, continua ser um projeto político.

Desde sempre, os bantu olharam dentro, antes de olhar fora. Por isso, as comunidades africanas são fechadas. Mesmo no tempo da Monarquia africana, que a cadeira de Rei, Soba, não era para qualquer pessoa, ou pessoa de qualquer família.

Existem famílias reais, que a partir dos nomes já são conhecidos. Por isso, a Democracia em África é uma projecção ideal, Platónica. Porque na natureza supera o resto. Por isso, assistimos hoje, mesmo nas cidades, comportamentos do africano que manifestam mais o individualismo na sua relação com os outros. Nas sociedades tradicionais, continua o regionalismo, o tribalismo, a xenofobia. A Língua, a indumentária (a forma de se apresentar tradicionalmente), une os africanos, e ao mesmo tempo cria montanhas, ilhas. Não nos admiramos, por exemplo, o tráfico de influência, o familiarismo, por causa da Língua. Por falar a mesma Língua, o muntu por excluir o outro, para ajudar o seu irmão da mesma tribo. Isso não é ser comunitário, ou solidário, isso é individualismo puro.

Por causa dessas atitudes do fechamento, a corrupção tende a aumentar, mesmo alguns estados estarem a combater. Não se deu conta que, o tráfico de influências, o nepotismo, só para citar alguns, nunca vai acabar porque pertence à Antropologia bantu? Os reis, os sobas, quaisquer que sejam, sempre priorizaram irmãos, primos, conterrâneos, e isso acompanha o africano civilizado. Por isso, na administração pública ou privada, as vezes não conseguem realizar concursos de preenchimento de vagas das suas empresas com lisura e transparência, porque o nepotismo e familiarismo, acabam substituindo pessoas competentes, com méritos, por irmãos, primos, cunhados, conterrâneos, mesmo quando nada sabem. Isso tem encravado a África. É assim em todas as instituições, até religiosas. As instituições depois acabam de transformar-se em famílias, condicionando o desenvolvimento da empresa, como do País.

Diante desta realidade antropológica, o que se deve fazer, segundo uma visão personalista, é uma reforma antropológica bantu. É o que defende António (2020), na sua obra «Corrupção em Angola». Se quisermos unidade africana, precisamos eliminar divisões étnicas, religiosas, e olhar no outro como parte da mesma casa: África. É por essas razões individualistas que se adia sempre a ideia de moeda única, uma linha única de comércio, e outros desafios que o continente vem buscando para o desenvolvimento económico, sobretudo, a fim de mudar o paradigma social e político. Isso passa na mudança de mentalidade.

Ainda excluimos quem não fala a nossa língua, quem não é da nossa região, quem não é da nossa religião. Fica assim difícil buscar um elemento ou os elementos comuns que venham nos unir. Por isso é que, consideramos o povo irmão de outro continente, e não do nosso. Ainda o outro é estrangeiro. Mas durante o tempo colonial os africanos

eram tão unidos, que parecia que a cor da pele é uma espécie de identidade. Hoje, com a conquista das liberdades voltamos à nossa essência: Somos individualistas.

4.O Muntu e a comunidade: Teses pro e teses contra.

Quais são as teses que são evocadas na sustentação desta visão, segundo a qual o africano é comunitário? Vejamos alguns autores africanos e em África que assim defendem: Altur Altuna (2014:255), na sua obra «Cultura Tradicional Bantu», afirma e ensina que: “ o antropocentrismo bantu é comunitário”. Muitos filósofos, sociólogos e politólogos, antropólogos e historiadores apoiam essa visão. Seguem a mesma linha, filósofos do nosso tempo como: Mambu Teresa Muanza, Severno Elias Ngoenha, Emanuel Imbamba, Muanamosi Muatomona e tantos outros. Ou mesmo podemos afirmar que quase todos são da mesma visão. E as vezes com um pouco de dogmatismo. Por isso, contrair seria desafiar o desafio, e ousar da aventura filosófica, já que a crítica constitui o fundamento e atitude filosófica.

O que nos levou a chegar nessa conclusão contrária a tese comunitária são as seguintes características e atitudes do muntu, já que o comportamento define a pessoa: A existência de as assimetrias regionais, do tribalismo, da xenofobia, do regionalismo, nas sociedades africanas. Porquê algumas regiões africanas no mesmo território são mais desenvolvidas do que outras? Porquê que na mesma terra, país, os do Norte e os do sul, ou ainda os do leste e do oeste, são como se fosse inimigos? O etnocentrismo, o reducionismo nas culturas africanas bantu é muito forte. Como é possível falar de unidade comum numa sociedade dividida culturalmente, economicamente e socialmente? Enquanto não superarmos essas divisões que nos afastam, teremos sempre a África unida como uma proteção utópica. Na África do Sul, por exemplo, alguns grupos étnicos usam a xenofobia com os outros africanos, e até de países vizinhos, como Moçambique. Como podemos desenvolver o continente se alguns acham que são mais do que os outros, e se fecham dos outros e até expulsam-nas, pelo fato de ser estranho ao nosso grupo, à nossa família. A comunidade é distinta dessas características, por exemplo.

5.Os efeitos do individualismo bantu pós-independências

Durante o tempo colonial, as comunidades africanas eram mais unidas do que depois das independências, como já vimos. Prova disso: Os reinos se uniam para combater o colono, e havia ligações, comunicação, mesmo na maneira tradicional. Os

emissários dos reis, sobas, levavam as notícias e informações. Razão pela qual se pode ler as vitórias conquistadas ao longo da colonização. Não havia fronteiras como hoje, certamente foi o resultado da colonização, através de interesses, como aconteceu na «Conferência de Berlim». Mas isso, não justifica as divisões étnicas. Pois que é anterior ao colono.

Depois da independência, os africanos voltaram nos seus estados normais. Isto é, nos seus grupos étnicos, já que conquistaram as liberdades. Voltaram às suas tradições, à sua cultura segundo os antepassados, já que o colono proibia o culto da religião bantu. Assim, voltaram aos carnavais, aos batuques, às danças folclóricas, aos ritos de iniciação (circuncisão e *efiko*), por exemplo, o que acontece em algumas regiões de África, como Angola.

Para algumas sociedades cristianizadas, tornaram o Cristianismo segundo à cultura africana. Por isso, se toca agora o batuque, e outros instrumentos musicais tradicionais dos africanos, assim como as danças, os cânticos nas línguas locais. Criaram um cristianismo mais endógeno- inculturação. Depois do muntu se adaptar à sua maneira propriamente dita, pese embora com algumas características da civilização ocidental, começou a mostrar e demonstrar através do seu comportamento aquilo que define à sua essência: O fechamento.

Depois das independências, a África viu os movimentos políticos que antes eram unidos, separados, não só por causa da ganância do poder político. Mas, sobretudo por causa da etnicidade. Porque os movimentos políticos foram fundados de acordo a etnia. Isso aconteceu em Angola, por exemplo, UNITA como o seu líder pertenceu o grupo étnico Ovimbundu, logo, todos ovimbundus e até os outros grupos étnicos do sul do rio Kuanza foram durante o período bélico, e até hoje algumas vezes, são considerados «sulanos», e com conotações ao movimento político. Por sua vez, teve mais popularidade pelos seus membros da etnia. A FNLA como o seu fundador é do Norte, pertencente ao grupo Bakongo, todos membros desta etnia tiveram conotações políticas ao movimento político. Por outro, porque teve mais simpatizantes dentro do grupo étnico. A MPLA, o seu fundador é do centro do país, pertencente ao grupo étnico Mbundo ou Ambundos, teve mais popularidade e simpatizantes dentro da etnia. Assim, a Geografia política, dividiu o País em Sul e Norte. Os do norte, eram conotados no sul, e os do sul eram conotados no norte politicamente, culturalmente e socialmente.

Em Moçambique a RENAMO e AFRELIMO; Em Cabo Verde e Guiné-Bissau tem por exemplo o PAIGC, que uniu os dois países –Guiné e Cabo Verde, em DAKAR, Em 1960. Figuram *Rafael Barbosa da Guiné Bissau e Amílcar Cabral –(em Dakar na 1ª Conferência de quadros das Organizações nacionalistas da Guiné dita portuguesa da qual resultou o renascimento do P.A.I. já como P.A.I.G.C. - Rafael Barbosa foi então nomeado Presidente do Órgão máximo do Partido e Amílcar Cabral, Secretário Geral.* Na Guiné ainda encontramos para além do P.A.I., o P.S.G, F.R.A.I.N, MLG. (Cfr. In: *Entrevista a propósito 20 de Janeiro – Guiné-Bissau, Sábado, 18 de Janeiro de 2003/CGB/17*)

6. Factos que revelam o individualismo no muntu

➤ O genocídio do Ruanda vem demonstrar que os bantu não são comunitário. Por isso, os dois grupos étnicos mataram-se.

➤ As guerras étnicas em Congo RDC, ainda no nosso tempo provam que os africanos não são comunitário.

➤ Em Angola, os movimentos políticos foram fundados e tiveram apoios dos grupos étnicos pertencentes aos fundadores. Durante a guerra civil, constatou-se isso. A guerra foi também tribalista e regionalista. Muitos perderam a vida por falar a Língua do fundador do partido oposto, ou por pertencer aquele grupo étnico, ou Províncias ligadas ao grupo étnico. Mesmo depois da paz, em 2002, ainda houve partidos que defenderam o regionalismo, querendo dividir o País. Isso, só vem provar que não há comunidade na consciência do muntu.

➤ Quando existe emprego, mas não é para todos, e sim, por família, por amigos, por compadrio, por etnia e língua, por igreja, pela cor da pele, isso não é só crise de valores, ou problema político-social, mas é prova de que o africano é individualista.

Poderíamos citar outros exemplos. Mas é para dizer que falhamos em termos de nação, como País, e nação, como Continente. Vejamos o que se pode dizer de uma nação. Na visão do Sociólogo angolano Paulo de Carvalho (2008), no seu artigo «*Estado, nação e etnia em Angola*», ele explica o seguinte:

Nação não é mesma coisa que etnia, tanto que existem nações étnicas e multiétnicas. Nação e Estado diferem-se. Nação é um agrupamento humano que, para além de partilhar um território histórico, mitos e memórias históricas colectivas e uma cultura pública comum (elementos que estão presentes quando falamos de etnia), partilha também um sentimento de pertença a essa comunidade nacional.

Nação, na visão do sociólogo é quando há uma *consciência subjectiva de pertença à comunidade nacional*. Se não há, então, falhamos. Porque não existe! O cientista social vai mais além: “para que haja uma nação, tem que haver uma ideologia nacional, vontade social de existência dessa nação... É ainda importante que tem a ver com a necessidade de os integrantes da colectividade se sentirem cidadãos na verdadeira acepção da palavra” Carvalho (2008). Esta questão está ainda relacionada com a inclusão social. Ou seja, todos numa nação devem se identificar na cultura, na etnia, nos estilos de vida, partilhando a mesma cidadania. Esses pressupostos ainda estão distantes da África bantu.

6.1.O Estrangeiro

Vimos na cultura bantu e na antropologia cultural africana, que na ontologia bantu não é existe «estrangeiro, porque os bantu são acolhedores e solidários». Também é problemático pensar assim. Na verdade, há sim estrangeiro. Na subconsciência, no fundo do ente africano existe a exclusão. Prova disso, são os nomes que são atribuídos para os emigrantes. Ou seja, quem sai de uma zona, aldeia, província, região, para outra, é um estranho. Nem mesmo entrega-se filhos para casar, porque não é nosso. Por isso, o alembamento foi mercantilizado quando se trata de um parceiro estranho à nossa cultura. Então, aproveita-se dele –vítima.

A unidade, a ideia de uma só nação, ainda é um projecto. Porque o tribalismo, a xenofobia, o etnocentrismo, o reducionismo, encravaram. O individualismo bantu fala mais do que a comunidade. Se formos no interior, fora das cidades dos países africanos, encontraremos exclusão entre povos e etnia. É como em Angola. Quem vem de fora, por exemplo, de uma outra Província, é visto para algumas províncias como estrangeiro, mesmo se for cidadão nacional. «*Este que veio do Norte, ou do Sul, ou do Leste, veio tirar o que é nosso, a nossa riqueza, o que seria para os nossos filhos*». Essa pré-conceitualização de olhar no emigrante, tem ceifado muitas vidas humanas só pelo facto de viajar dentro do seu país-viver fora da sua província ou município da sua ancestralidade.

Vejamos o caso concreto da província do Bengo em Angola. O «estrangeiro», sofre estigmas, *bullyngs* ou representações sociais. Este que não é da nossa província ou aldeia é «**Mukuakuisa**» – *Aquele que veio, que não é nosso*. Um «**Mukuakuisa**», não tem os mesmos direitos como um dos nossos. O estrangeiro é excluídos da consciência

coletiva da cidade ou bairro. Este, não pode ser nosso líder, porque não é nosso (tribo), e nem deve ter (bens materiais) do que nós da terra. Bem, é uma realidade quase de todas as províncias. Se um da região norte for numa das províncias do centro ou sul, encontra quase as mesmas dificuldades de integração, recebendo nomes próprios que visem excluir. Quando não és de lá, vive-se assim de exclusão até no local de trabalho entre os colegas, mesmo civilizados e académicos. A consciência tradicional é ontológica. Por isso, não depende da classe, nem do nível académico. É assim que, esse elemento tem criado obstáculo na consciência política.

Na política, quem deve se candidatar para o Presidente de um partido ou de um País, se for um individuo que não nasceu no território, ou os seus pais são/foram emigrantes, mesmo se for digno, encontra dificuldades, porque é «estrangeiro». Logo, não é o candidato legítimo, ainda que seja legalmente aceite pela comunidade internacional ou pelos órgãos judiciais. A cultura supera a política. Pois define o ser.

Enquanto um africano pode ser aceite nos outros continentes, como Europa ou América para ocupar cargos de deputados ou membros de governo, uns até chegam mesmo na cadeira mais alta daquele País, em África negra é ainda uma utopia. Porque os africanos são fechados na cultura, na tradição bantu. Se vemos negros na Europa ou nos EUA a ocupar grandes lugares administrativos, em África negra, uma pessoa de cor da pele branca é muito difícil, principalmente para os países colonizados. Se o candidato passar, pode desencadear uma guerra civil, tudo para reivindicar a pessoa. Até candidatos com dupla nacionalidade encontram barreiras muito forte na política. Os bantu são conservadores. Isso, fecha-nos. Os estudos podem não ser universais por são baseados nas verdades de factos, naquilo que assistimos no dia-a-dia.

6.2. Ubuntu e o Bantu: Comunidade ou individualismo?

Ubuntu é uma ética moderna sobre os bantu. Esta forma de eticizar é muito diferente e mais aberta. Porque Ubuntu defende que «*eu sou, porque somos*», não importa de onde vem de África. Mas a ética bantu, não defende a mesma coisa: O «*eu somos*», não ultrapassa o grupo, a família. Ou seja, é mais interna, do que externa. Está presa. Daí que, se aconselha hoje seguir a ética do UBUNTU.

A ética bantu traz uma ideia de fraternidade situacional, isto é, aquela tendência de não olhar no outro. Por isso, os movimentos políticos, os partidos políticos, os gestores de empresas e até as lideranças religiosas, continuam a ter uma identidade regional e étnica.

Percebe-se a partir dos actos, que não há muito essa questão de hospitalidade como se tem pregado até hoje, de que os africanos são «acolhedores ou hospitaleiros». Por isso, defendemos que se a hospitalidade e a fraternidade bantu é colectivista e não comunitária, porque tem esse dimensão. Pois que visa apenas exaltar um grupo em detrimento de outro grupo ou grupos. Isso é que está encravar o desenvolvimento de África.

Assim, podemos dizer que, o que existe é um colectivismo. Isto é, um grupo social (de amigos, da igreja, do grupo étnico, de colegas...) que sempre se puxa, se identifica, excluindo outros grupos, outras pessoas que não fazem parte ao nosso mundo de facticidade, ou círculo hermenêutico, na visão dos filósofos Battista Mondim, citado por Imbama (2010) e Heidegger. A consciência coletivista aqui, podemos associar com a visão de consciência coletiva de Émile Durkheim – Ubuntu, enquanto a consciência mecânica, ligada ao individualismo social, seria Bantu. São tais paradoxos da ética africana. (Adeildo, s.d. p.11). A moral africana é fechada ao grupo. Enquanto que, a moral Ubuntu, ou a ética Ubuntu é geral; a ética bantu por ser situacional cria as assimetrias, o regionalismo, o tribalismo, a xenofobia, os conflitos, o fundamentalismo religioso. A esperança de superar esse fechamento talvez é apostar e promover Ubuntu. Porque sai do grupo e consegue olhar o outro como o nosso.

Conclusão

Percebemos que o antropocentrismo comunitário é uma projecção e, não uma realidade. Mas é uma realidade o antropocentrismo colectivista. Por que o tipo de comunidade que se deve entender aqui é a família, o grupo, e não o estrangeiro, o estrangeiro do grupo e da família. Desta feita, ficam algumas indagações: Diante de tudo, como entender a identidade africana? temos uma identidade própria e única? Se o Antropocentrismo comunitário, é ainda um projecto, podemos aceitar que existe um antropocentrismo solidário. Na sua essência, os africanos, são solidários. Apesar de algumas vezes escolherem. Mas isso, não significa que sejam comunitários. Estamos longe da antropologia comunitária.

Depois desta caminhada reflexiva, podemos dizer que os bantu são essencialmente individualistas, fechados, não hospitaleiros no sentido geral, naquilo que Ubuntu defende. Alias, a ética Ubuntu traz-nos aqui uma visão da relação social mais aberta ao mundo. Isto é, uma intersubjectividade que supera a cosmovisão bantu. Por

isso, o conceito do Ubuntu está ligado ao dinamismo de valores. Porque a ética bantu (africana) parece estática, afrocentrista, enquanto que a ética Ubuntu olha fora, a partir de dentro. Já a outra, olha mais dentro do que fora.

Numa sociedade individualista, quando uma pessoa é ungida e toma posse como rainha ou rei, isto é comum em África, só os membros daquela tribo é que testemunham. Os outros grupos vivem como se nada aconteceu. Seria todas as tribos vizinhas deviam marcar presença como acontece com a tomada de posse de um Presidente num Estado Democrático e de Direito. Aconteceu com o rei de Bailundo, em Angola, quando foi lhe aplicado medidas de coação, só os ovimbundos é que se bateram, alegando que não se pode condenar um rei de uma tribo. E os outros onde estavam, se somos comunitários? O problema do outro, não nos atinge, porque cada um cada qual. Essa ética é bantu que deve ser melhorada numa visão do Ubuntu.

Para terminar, queremos dizer que, quanto as justificativas do individualismo, poderíamos dar mais exemplos a partir de estudos comparados entre vários países. Nos baseamos na sua maioria à realidade angolana porque o autor é angolano e conhece a realidade do seu país. Por isso, o estudo não esgota por aqui. Por exemplo, conhecer o nome de um estrangeiro nos outros países. Em Angola, encontramos a palavra «*Mukuakuisa*». Poderíamos trazer e cruzar com os termos de outros países. Desejamos boa leitura, indagação, cogitação, sugestões e críticas para melhorarmos. O importante é que cada ponto reflectido constitui um candidato para o debate.

REFERÊNCIAS

- ALTUNA, R. R. A. (2014). *Cultura Tradicional Bantu*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas.
- ADEILDO, O. (s.d). *Introdução à Sociologia*. (E-mail:a.historiatotal@gmail.com.)
- ANTÓNIO, B. (2020). *Corrupção em Angola: Um Olhar ontológico*. Luanda: Sindjekumbi
- CARVALHO, P. (2008). *Estado, nação e etnia em Angola*. In: Revista Angolana de Sociologia, edições Pedagogo, Luanda, vol.I, nº1, páginas 216, Junho de 2008, pp.61-71.
- Documento1** -Entrevista a propósito 20 de Janeiro – Guiné-Bissau, Sábado, 18 de Janeiro de 2003/CGB/17)
- IMBAMBA, M. (2010). *Uma Nova Cultura para mulheres e Homens novos: Um Projecto Filosófico para Angola do 3º Milénio à Luz da Filosofia de Battista Mondim*. 2ª Ed. Luanda: Paulinas

MARITAIN, J. (1999). *Por um Humanismo cristão*. Trad. Gemma Scardini, São Paulo: Paulus.

MOUNIER, Emmanuel (2010). *O personalismo*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.

MUKUMBA, M. M. (2016). *Uma introdução à Filosofia Africana: Passado e Presente*. Maputo: Paulinas.

NGOENHA, E. S. (2018). *Filosofia Africana: Das independências às liberdades*. Maputo: Paulinas.

ROCHA, A.T.; LARANJEIRA, P.(2014). *A noção de ser: Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: AGIR.

TAVARES, A.; CAMACHO, A. (2006). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora;

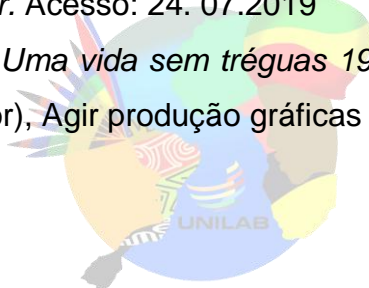
TEMPELS, R.P.P. (2016). *A Filosofia Bantu*. Trad. Amélia a. Mingas e Zavoni Ntondo. Luanda: Edições Kuwindula – Faculdade de Letras.

www.google.com/Alino Lorenzo (2018). *A crise da Democracia Representativa e a proposta de Emmanuel Mounier*. Acesso: 24. 07.2019

VVAA (2018). *Agostinho Neto: Uma vida sem tréguas 1922/1979*. Ver. António Massano. Luanda: Acácio Barradas (Editor), Agir produção gráfica

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): O muntu e a comunidade: Uma análise desconstrutivista do antropocentrismo bantu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.494-507, out. 2023.

Para citar este texto (APA): xxx. (out. 2023). O muntu e a comunidade: Uma análise desconstrutivista do antropocentrismo bantu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 494-507.